

SEMINA

Revista dos Pós-Graduandos em História - UPF

***Dossiê: A história dos direitos reprodutivos e sexuais das mulheres no Brasil:
percursos de resistências***

Volume 22 | Número 1 | Ano/período: Janeiro/Abril 2023

Edição eletrônica

DOI: 10.5335/srph.v22i1.13656

ISSN: 2763-8804

Feminismos e literatura:

a liberação sexual e as indicações literárias do Mulherio (1981-1988)

Érica Estefany Borges de Aguiar¹  

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

OPEN  ACCESS

Referência

AGUIAR, Érica Estefany Borges de Aguiar.; Feminismos e literatura: a liberação sexual e as indicações literárias do Mulherio (1981-1988) *Revista Semina*, Passo Fundo, vol. 22, n. 1, p.23-40, Jan/Abr 2023.

Recebido em:27/05/2022 | **Aprovado em:** 28/02/2023 | **Publicado em:** 20/03/23

¹Graduada em História pela Universidade Federal do Piauí (2022). Tem experiência na área de História, com ênfase em História da Mulher e Relações de Gênero. Atualmente se interessa pela área de Gênero, Sexualidade, Maternidade e Negritude.

**Feminismos e literatura:
a liberação sexual e as indicações literárias do Mulherio (1981-1988)**

Resumo Este artigo pretende analisar de que modo as feministas do jornal Mulherio retrataram as transformações culturais da década de 1980, sobretudo, em relação às práticas sexuais femininas. Naquele momento, as mulheres passavam a retratar as experiências com o próprio corpo e sexualidade nas produções literárias, que eram impulsionadas nas páginas do periódico paulistano Mulherio como indicação às leitoras. Paralelamente, elas precisavam lidar com o conservadorismo presente no discurso religioso, a censura proveniente do regime civil-militar, e com a violência e as inseguranças masculinas que se apresentam como reação à nova identidade feminina, por sua vez, sexualmente ativa e descentrada da maternidade. Argumenta-se que as páginas do Mulherio trabalharam para a divulgação do movimento de liberação sexual feminina e na construção de uma rede de apoio entre as leitoras com o intuito de promover a crítica feminista aos papéis sexuais.

Palavras-chave: Feminismo. Imprensa. Literatura.

**Feminisms and literature:
sexual liberation and the literary indications of Mulherio (1981-1988)**

Abstract: This article intends to analyze how the feminists of the Mulherio newspaper portrayed the cultural transformations of the 1980s, especially in relation to female sexual practices. At that moment, women began to portray their experiences with their own bodies and sexuality in literary productions, which were promoted in the pages of the São Paulo periodical Mulherio as an indication to readers. At the same time, they needed to deal with the conservatism present in the religious discourse, the censorship coming from the civil-military regime, and with the violence and male insecurities that present themselves as a reaction to the new female identity, in turn, sexually active and decentered from motherhood. It is argued that the Mulherio pages worked to publicize the female sexual liberation movement and to build a support network among readers in order to promote feminist criticism of sex roles.

Keywords: Feminism. Press. Literature.

**Feminismos y literatura:
liberación sexual y los indicios literarios de Mulherio (1981-1988)**

Resumen: Este artículo se propone analizar cómo las feministas del diario Mulherio retrataron las transformaciones culturales de la década de 1980, especialmente en relación a las prácticas sexuales femeninas. En ese momento, las mujeres comenzaron a retratar sus experiencias con el propio cuerpo y la sexualidad en producciones literarias, que fueron promovidas en las páginas del periódico paulista Mulherio como indicación para los lectores. Al mismo tiempo, necesitaban lidiar con el conservadurismo presente en el discurso religioso, la censura proveniente del régimen cívico-militar, y con las violencias e inseguridades masculinas que se presentan como reacción a la nueva identidad femenina, a su vez, sexualmente activa y descentrada de la maternidad. Se argumenta que las páginas de Mulherio funcionaron para dar a conocer el movimiento de liberación sexual femenina y construir una red de apoyo entre los lectores para promover la crítica feminista a los roles sexuales.

Palabras clave: Feminismo. Prensa. Literatura.

Meu bem você me dá água na boca
Vestindo fantasias, tirando a roupa
Molhada de suor
De tanto a gente se beijar
De tanto imaginar loucuras
(Rita Lee, 1979)¹

Assim não vai dar
A minha vontade é tão grande
Não pode esperar
Preciso tanto!
Eu faço gostoso e com jeito
Prá você não botar defeito
No meu amar...
(Angela Ro Ro, 1980)²

¹ RITA LEE. Mania de você. Rio de Janeiro: Som Livre e *Universal Music Group*, 1979. CD (04:51 min).

² ANGELA RO RO. Preciso Tanto. Rio de Janeiro: *Universal Music Group*, 1980. CD (04:10 min).

As mulheres transam por prazer. As duas músicas acima embalaram a vida da juventude brasileira na década de 1980, principalmente das mulheres. As duas canções descrevem, de forma minuciosa, o desejo pulsante de mulheres nas vésperas de possíveis envolvimento sexuais, onde as compositoras ressaltam a iniciativa feminina na conquista de parceiros. Nas décadas anteriores a 1980, os centros do capitalismo foram palco de revoltas e manifestações populares que pregavam a queda dos valores conservadores, a liberação sexual, a defesa dos direitos estudantis, o fim da discriminação racial, entre outras pautas que estremeciam o modelo de organização vigente (HOBSBAWN, 1995).

No Brasil, assim como em outros países localizados na periferia do capital, esses ideais ecoaram de forma paralela às mobilizações dos grupos de esquerda que atravessavam a ditadura civil-militar, vigente desde 1964. Em ambos os espaços, o movimento feminista expande o debate sobre a sexualidade feminina, o afastando da naturalização da maternidade, e trilhando caminhos que apontam para a descoberta do prazer feminino.

As reflexões a respeito da sexualidade e dos direitos reprodutivos figuravam não só em reuniões de associações de estudo, elas também estavam presentes na produção cultural brasileira. Entre os programas de televisão produzidos e transmitidos em canais abertos durante a década de 1980, ocupando lugar de destaque na programação dos lares brasileiros, principalmente, entre os cariocas e os paulistas, especialmente com o público feminino, podemos destacar dois: o *Tv Mulher* e o *Mulheres*. O primeiro, produto da rede Globo de televisão, esteve no ar entre 1980 e 1986, apresentado por Marília Gabriela, jornalista e

escritora brasileira, e tinha como objetivo fomentar a discussão sobre o feminino e o feminismo. Em meio a temáticas e quadros diversificados, os temas de maior interesse do público, eram: a violência contra a mulher, o divórcio e comportamento sexual.¹ O segundo, o programa Mulheres produzido pela Tv Gazeta, estreou em setembro de 1980 e segue na programação semanal da emissora, possuindo a maior longevidade entre os programas femininos brasileiros. Inicialmente, era apresentado por Angela Rodrigues Alves e Ione Borges, com temáticas voltadas para autoafirmação da identidade feminina e o cotidiano das mulheres.²

Na música, as composições como Menino do Rio, de Caetano Veloso (1980), você não soube me amar, da banda Blitz (1982), Menina Veneno, de Richie (1983), Girls just want to have fun (garotas só querem se divertir), de Cindy Lauper (1983), Like a virgin (Como uma virgem), de Madonna (1984), provocavam com suas letras tendenciosas que inovam nas temáticas da sexualidade. No que diz respeito a vida cotidiana, os eletrodomésticos como o ferro de passar, o fogão a gás, o chuveiro elétrico, o liquidificador, a batedeira, o secador de cabelos, entre outros ditavam o ritmo acelerado da vida privada dos brasileiros. Sobre o cuidado com o corpo, destaca-se o desenvolvimento da indústria farmacêutica e da higiene pessoal (NOVAIS, 1998). Nota-se que o cotidiano na década de 1980 era atravessado por diversos produtos culturais e tecnológicos que transformavam as atividades domésticas e interferiam no cuidado da saúde do corpo.

Dessa forma, o periódico Mulherio se inscreve como um produto de cultura da década de 1980 que funcionava como palanque da revolução sexual entre as leitoras, uma vez que promovem leituras engajadas com a temática da sexualidade feminina, trabalhando para a subversão da ordem reguladora do sexo das mulheres. Pelo fato de ser escrito por feministas intelectuais, todo o corpo do jornal possui indicações de pesquisas, livros ou movimentações que ocorrem pelo país com o intuito de fomentar a participação das brasileiras no campo acadêmico e em debates sobre o corpo e a sexualidade.

Para a escrita deste capítulo, foram consultadas e interpretadas 47 obras, disponíveis na coluna Leitura do periódico Mulherio. A bibliografia presente no jornal se apresentava enquanto indicação literária, funcionando como forma de guia das leitoras dentro do universo da produção acadêmica do período. São teses, dissertações, novelas, livros nacionais e internacionais e revistas publicados pelas principais editoras brasileiras, variando entre os gêneros de ficção, contos, pesquisas acadêmicas, best sellers, biografias, coletâneas, manuais, entre outros. Durante a análise inicial da coluna, foram percebidas algumas repetições no que diz respeito a temáticas específicas, como a maternidade, a

¹Ver: História da Tv Mulher. Memória Globo, 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/auditorio-e-variedades/tv-mulher/noticia/historia.ghtml>. Acesso em 31 de março de 2022.

² PROGRAMA MULHERES. Tv Gazeta. Disponível em: <https://www.tvgazeta.com.br/programas/mulheres/sobre>. Acesso em 26 de abril de 2022.

sexualidade e a contracepção, de modo a orientar a construção do capítulo em torno dessas questões. Para cada obra citada como bibliografia indispensável para o conhecimento dos leitores, existia uma resenha crítica a acompanhando, essas eram escritas por colaboradores do jornal que se dedicavam a tarefa de fabricar a biblioteca feminista do Mulherio.

As “novas mulheres” e o discurso religioso

Tendo como pano de fundo o regime civil-militar, o jornal Mulherio apresenta três obras literárias, do gênero ficção, para demarcar seu posicionamento contrário à ditadura brasileira. Amor e opressão, uma novela escrita por Carmi Gomes e publicada em 1982, pelo Centro da Mulher Brasileira (CMB), grupo feminista do Rio de Janeiro, trata do primeiro volume da série “Nova ficção brasileira”, que aborda a trajetória de um grupo de mulheres de classe média vivendo em meio a repressão política e que paralelamente lida com as frustrações amorosas permeadas pelas relações de gênero. Da mesma forma que em A revolta das vísceras, um romance escrito por Mariluce Moura, em 1982, publicado pela editora Codecri, que aborda a luta armada no Brasil através da personagem Clara numa perspectiva das emoções e dos sentimentos de homens e de mulheres durante os anos de chumbo. Em Com licença eu vou à luta (é ilegal ser menor), de Eliane Maciel, escrito em 1983, a ditadura brasileira é colocada como o cenário da autobiografia da autora, que quando jovem engravida e devido a suas escolhas políticas não recebe o apoio de sua família e acaba experienciando a maternidade solo em paralelo às adversidades do regime político.

O discurso moralizador e conservador que levou os militares aos cargos máximos do poder executivo no Brasil, em abril de 1964, agradou também alguns setores da sociedade civil, como as instituições religiosas católicas. Além das classes média e alta que ansiavam pela permanência da ordem social que as mantinha em posição privilegiada, os religiosos também viam o comando militar e as forças armadas como o único caminho possível para a manutenção dos valores cristãos e a defesa da família patriarcal.³ O enunciado do Ato Institucional I, publicado em 09 de abril de 1964, revela o caráter moralizador do movimento ocorrido em 31 de março do mesmo ano ao declarar que o dispositivo político serviria para “assegurar ao novo governo a ser instituído, os meios indispensáveis à obra de reconstrução econômica, financeira, política e moral do Brasil” (BRASIL, 1964).

Para os apoiadores do golpe civil-militar, o papel da mulher brasileira era o de moralizar a nação através da manutenção do modelo de família nuclear capitalista. O corpo feminino era concebido como “fábrica” natural de novos cidadãos, e seu trabalho deveria ser voltado para criar e educar a prole de acordo com a moral e os bons costumes, esse era o papel da

³ Cabe ressaltar que o posicionamento da Igreja Católica em relação as movimentações militares de 1964 eram heterogêneas e que existiam alguns setores do clero vinculados a grupos de esquerda do campo e da cidade pelo país trabalhando de forma contrária as arbitrariedades do governo.

“mãe cívica” que levaria o Brasil para longe das periferias capitalistas (RAGO, 2011). Entre as brasileiras de classe média e alta o discurso civilizador dos militares, aliado a tradição cristã, foi suficiente para que pudessem declarar apoio às mobilizações que antecederam o golpe civil-militar de 1964. Grupos femininos como a União Cívica Feminina (UCF) e a Campanha da Mulher pela Democracia (CAMDE) foram fundados com a finalidade de organizar manifestações contrárias as falas de João Goulart, presidente em exercício, que para elas incentivavam a desordem e eram contrárias ao cristianismo (PRESOT, 2004). Nesse contexto, encontramos nas páginas do jornal *Mulherio* obras que abordam a participação desses grupos femininos conservadores nas articulações da implantação do regime militar. Dentre as obras, temos a indicação do livro *Deus, pátria e família: as mulheres no golpe de 1964*, de Solange de Deus Simões, publicado em 1985, pela editora Vozes. Apresentada por um breve resumo, onde o editorial relata a intenção da autora em analisar a atuação das mulheres nas articulações do golpe civil-militar brasileiro como alternativa para a eminente degeneração social trazida pelos grupos de esquerda. Nas palavras do editorial “a condição de mãe, esposas e dona-de-casa levou estas mulheres à atuação política”, ou seja, a responsabilidade cívica presente no discurso conservador dos militares funcionou como ferramenta de controle do corpo e do imaginário feminino, proporcionando em 19 de março de 1964, dia da família pela tradição católica, a atuação massiva de mulheres de classe média e alta na Marcha da Família com Deus pela Liberdade, conhecida posteriormente como Marcha da Vitória (LAMARÃO, 2022).

Quando fé religiosa e conhecimento científico se confrontam na análise de uma questão humana concreta – a sexualidade, por exemplo – o resultado, seja na Cristandade de João Paulo II, seja no Islão do Aiatolá, é, invariavelmente catastrófico. [...] A infalibilidade do dogma é essencial à unidade do rebanho dos crentes. Um só rebanho, um só pastor.⁴

“E erótico lá casa com cristão?” é o título da resenha escrita pelo professor Luiz Mott⁵ ao jornal *Mulherio* para a indicação de leitura da obra *Sexualidade, libertação e fé: por uma erótica cristã*, de Rose Marie Muraro, da qual o trecho acima foi retirado. No texto, o professor baiano faz uma crítica à proposta da autora, referenciada por ele como a “prima-dona do feminismo católico tupiniquim”, em relacionar as práticas e usos da sexualidade com as religiões monoteístas ocidentais. “Limitado e contraditório [...] o livro aborda temáticas polêmicas, mas não tem sucesso nas suas proposições, pois, constrói uma narrativa maniqueísta entre o pecado e o castigo”, afirma Mott. Lembramos que o livro em questão foi escrito após a publicação da obra mais conhecida da autora, *Sexualidade da Mulher Brasileira* de 1984, e que as críticas feitas à Igreja Católica nesse livro, como por exemplo o fato de

⁴ LEITURA, *Mulherio*: São Paulo: número 23, 1985.

⁵ Luiz Roberto de Barros Mott é professor e orientador do Programa de Pós Graduação em História pela Universidade Federal da Bahia. Fundador do Grupo Gay da Bahia em 1980, principal entidade de trabalho em prol dos Direitos Humanos no Brasil.

considera-la “o braço da classe dominante para subalternizar os pobres”, resultaram em desconfortos com autoridades religiosas brasileiras próximas a ela desde a União Católica de Imprensa, onde trabalhava na década de 1960. As incoerências apontadas por Mott, podem ser interpretadas como uma tentativa falha de retratação da autora diante da igreja, mas que resultaram tanto na sua expulsão dos espaços católicos, quanto na demissão da editora Vozes, em 1986.

Em outra indicação, o professor reforça sua tese no desacordo entre a religião cristã e a liberação da mulher. Dessa vez, a obra resenhada pelo professor foi o premiado *Incidentes na vida de uma escrava* escritos por ela mesma, de Harriet A. Jacobs, escrito em 1862, e publicado no Brasil em 1987. Trata-se da autobiografia de uma mulher escravizada nos EUA entre os séculos XVIII e XIX, que precisa lidar com a atuação da Igreja episcopal na tentativa de legitimar discursos racistas e patriarcais em vigor nos EUA durante o período escravocrata.

A presença dessas duas obras na lista de indicação literária é destinada a uma reflexão sobre como os discursos, em especial o religioso, operam para manutenção de uma lógica de organização que submete as mulheres aos homens. Notadamente, a maioria das religiões monoteístas ocidentais compartilham da ideia de que o masculino seria o princípio da vida e da ação, por outro lado, a figura feminina seria dócil e passiva (PERROT, 2003). O mito da virgindade de Maria, a mãe imaculada, a insubordinação de Eva que come do fruto proibido e a depreciação de Madalena, uma prostituta que faz uso livre do corpo, são exemplos de algumas representações femininas encontradas na Bíblia, livro sagrado do cristianismo, que, conseqüentemente, fazem parte do imaginário dos brasileiros e são incorporados aos valores sociais.

O modelo feminino defendido pelas práticas religiosas cristãs admite a existência da mulher apenas pela sua capacidade reprodutiva, onde a identidade da mulher é centrada na “maternidade assexuada” e fértil, que deveria dar à nação os futuros cidadãos necessários para seu desenvolvimento, o que lhe permitiria crescer e alicerçar-se entre as grandes nações do mundo (ALMEIDA, 2007).

Figura 01: A nova condenação do prazer



Fonte: *Mulherio*, São Paulo, p. 3, fev. Ed. 37, 1988.

A charge acima foi produzida por Roberto Emílio Neima, colaborador do jornal *Mulherio*, e está no cabeçalho da matéria intitulada “A nova condenação do prazer”, escrita por Emir Sader⁶ e que se refere a epidemia de HIV na década de 1980. No plano central da imagem é vista a representação de um crucifixo aludindo a manifestação do discurso religioso sobre a proliferação dos casos de pessoas infectadas pelo HIV. Do lado oposto ao agente religioso percebemos a presença de uma guilhotina, que traz o símbolo de Vênus, associado ao movimento feminista, no local onde as vítimas colocam o pescoço antes de serem decepadas.

Para Sader, a contra revolução sexual e dos costumes iniciada na década de 1960 sofreu um duro golpe com a AIDS, que veio consolidar os discursos conservadores dos anos 1980 e condenar o prazer a uma nova angústia: a responsabilidade cívica”.⁷ Essa responsabilidade mencionada pelo sociólogo é parte do discurso moralizador comum nos anos dourados (década de 1950), entre os setores médios da população, que através do controle do corpo feminino conseguia regular a degeneração da sociedade que ameaçava o futuro da nação. que atribui a mulher a vida doméstica e a preparação desde a infância para o casamento e a maternidade, enquanto ao homem eram destinados os espaços públicos de poder e suas responsabilidades giravam em torno do financiamento da casa e da família. Na prática, a moralidade presente na expressão “responsabilidade cívica” favorecia as experiências sexuais masculinas, ao passo que restringia a sexualidade feminina aos parâmetros do casamento e da família tradicional (PINSKY, 2011).

Segundo o discurso religioso, o movimento de liberação sexual condenou as mulheres a destruição sendo operada através das doenças sexualmente transmissíveis e,

⁶ Emir Simão Sader é professor do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Formação Humana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Durante a década de 1980 era membro do Conselho Editorial do *Mulherio* e especialista nos temas pós-neoliberalismo, América Latina, política e pensamento crítico. Ver: Currículo Lattes. Acesso em: 10 de abril de 2022.

⁷ DEBATE, *Mulherio*, São Paulo: número 37, 1988.

consequentemente, elas precisariam abdicar do feminismo e de tudo que ele representa para serem perdoadas. O HIV era uma resposta divina as práticas consideradas pecaminosas pela ala religiosa, afinal o sexo só deveria ser manifestado de forma controlada, discreta e com a finalidade exclusiva da procriação de corpos saudáveis e aptos a conservar os dogmas católicos no seio da família tradicional. Para as mulheres, o fantasma das doenças sexuais opera também como instrumento da moralidade, uma vez elas eram consequências de comportamentos “desviantes” da norma. O Estado falha em não garantir políticas eficazes de saúde pública, e não assume essa responsabilidade, pelo contrário, segue reforçando as fileiras do conservadorismo e os valores reacionários (OLIVEIRA, 2019). Insinua que as mulheres são as responsáveis pela degeneração do povo brasileiro uma vez que não destinam integralmente sua atenção e tempo ao cuidado dos filhos, da casa e do marido.

Paralelamente às disputas entre os que apoiavam e os que eram contrários a implantação do governo militar, algumas transformações são observadas no campo da biotecnologia (contraceptivos e medicamentos), na esfera educacional (aumento da presença feminina nas universidades), e institucional com a consolidação do campo de estudos sobre as mulheres, em meados dos anos 1970. Essas transformações afetam diretamente o comportamento dos indivíduos e consequentemente a cultura e a organização da sociedade. Queda nas taxas de natalidades, aumentos dos processos de divórcios, ampliação da produção cultural voltada para o sexo são consequências desse cenário contemporâneo no Brasil de 1970 (NOVAIS, 1998; PEDRO, 2003). Ainda que os discursos religiosos e conservadores estivessem em alta na política brasileira devido ao sucesso do motim de 1964, observamos o crescimento nas movimentações feministas em defesa dos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres por todo país.

As transformações ocorridas no modo de agência da sexualidade decorrentes da modernização, permitiram às mulheres uma maior autonomia quanto ao sexo como forma de acessar o prazer. No Mulherio, as editoras destinam uma vasta literatura para facilitar o entendimento dos leitores em relação ao orgasmo feminino e aos novos desdobramentos das relações sexuais que se apresentavam, notoriamente, mais equivalentes. São indicados três livros que abordam como as mudanças nas relações de gênero demandam novas performatividades tanto para homens como para mulheres (BUTLER, 2018).

A obra *Um é o outro*, da escritora Elizabeth Badinter produz uma análise de conjuntura da reorganização social a partir das funções desempenhadas por homens e mulheres no decorrer dos tempos, iniciando sua jornada no período paleolítico e viajando até a contemporaneidade. Segundo a autora, estaríamos vivenciando um momento de superação das identidades femininas e masculinas, conhecido pela expressão “Um é o outro”, pois, não há distinção entre as atividades desempenhadas. Ela propõe ainda uma reflexão sobre o que chamou de “teoria da bissexualidade”, onde o ser humano contemporâneo possuiria dentro

de si, entrelaçados, o masculino e o feminino, fato que explicaria a complexidade dos comportamentos. Grosso modo, a autora estaria buscando na biologia uma justificção para a crise das identidades experienciadas de forma mais intensa naquele momento da vida humana.

Como mencionado anteriormente, as reconfigurações das identidades permitem mulheres mais autônomas e desobrigadas, mas, entre os homens as crises identitárias produzidas geram desconforto e insegurança, muito pelo fato de a masculinidade ainda ser vista como natural, a “essência masculina”. Em duas obras apresentadas aos leitores do *Mulherio* são apresentadas as dificuldades na preservação das relações românticas entre homens e mulheres diante das crises dos papéis sexuais.

Na obra *Complexo de Cinderela*, de Colette Dowling, o argumento seria que as mulheres naturalmente projetam um desejo de “salvação” nos homens. Dowling afirma que em algum momento as mulheres são tomadas da vontade de possuir um homem e viver um conto de fadas. No *Mulherio*, a resenha da indicação literária foi escrita por Elisabeth Vargas, colaboradora do jornal, que tece críticas pertinentes à romantização das relações apontadas no livro, salientando as falhas de interpretação que colocam as mulheres como as responsáveis pela própria opressão de gênero.

Já em *Mulheres inteligentes, escolhas insensatas: como encontrar os homens certos, como evitar os errados*, de Conell Cowan e Melvyn Kinder, traduzido para o português por Alfredo Barcellos, em 1986, pela editora Rocco, as discussões são em relação à solidão e ao desejo das mulheres de possuir uma companhia masculina. O livro pressupõe que as mulheres instruídas são atormentadas pela solidão devido seu afastamento dos modelos idealizados como femininos. Aqui a educação é entendida como o elemento fundamental na tomada de consciência das mulheres e que a retira da condição subalterna nas relações de gênero, ao mesmo tempo que lhes proporciona instrumental para ultrapassar essa condição (SOIHET, 1997). Dessa forma, o livro coloca as mulheres letradas como responsáveis pelos insucessos nas relações interpessoais, devido a sua intelectualidade que as afastava da suposta essência feminina fundamental para o interesse do homem. A resenhista Anette Goldberg escreve que

[...] é comum encontrar mulheres bem sucedidas em suas carreiras, economicamente independentes, rodeadas de amigos e até envolvidas esporadicamente em aventuras amorosas, mas que se queixam da falta de um companheiro estável [...] por outro lado, ver essas mesmas mulheres ‘inteligentes’ às voltas com parceiros errados, mergulhadas em relações assimétricas, pouco gratificantes e frustrantes que rapidamente degeneram em sofrimento.⁸

⁸ LEITURA, *Mulherio*: São Paulo, número 27, 1987.

Durante a crítica feita por Goldberg é perceptível a concordância com a tese que as mulheres mais instruídas possuem relações frágeis e efêmeras, e que precisam buscar novas táticas para desenvolver relacionamentos mais saudáveis e duradouros, dessa forma, o título da resenha “Guia de feminilidade para mulheres espertas” remete a uma transformação comportamental feminina. No entanto, o *Mulherio* reitera que a preocupação com a manutenção das relações entre homens e mulheres deve ser tarefa de ambos, e não só uma obrigação feminina. No último parágrafo da resenha nos deparamos com a seguinte afirmativa

Nenhuma palavra sobre a perplexidade masculina que chega, frequentemente a se expressar em impotência sexual, nenhuma palavra sobre os ‘diamantes brutos’, geralmente considerados bons amigos, mas pouco cobiçados como amantes. [...] Nossos autores, homens, psicólogos clínicos, não apontam nenhuma perspectiva de uma ‘nova masculinidade’; eles se limitam a falar das mulheres e, em falando delas, a sugerir uma receita de bolo que possa agradar mais aos homens.⁹

Ao criticar os intelectuais que não produzem uma literatura voltada aos novos desafios das relações interpessoais, as editoras apontam para o entendimento que assim como “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, o “ser homem” também é resultado de um sistema estilizado de comportamentos, ou seja, não é uma questão ontológica e sim uma fabricação de um modelo de masculinidade aceitável naquele tempo e espaço (BADINTER, 1993). Nesse contexto, as discussões a respeito das novas formas de comportamento são inevitáveis e necessárias, já que os indivíduos modernos estão em constante transformação da vida cotidiana. A crítica à falta de produções dirigidas para pensar as metamorfoses masculinas é um alerta que tenta evitar a responsabilização exclusiva das mulheres pelo sucesso ou fracasso de suas relações.

Sexo, prazer e aborto

Em março de 1985 foi realizada a Mostra Humor/Mulher, uma exibição de cartuns e tirinhas de humor produzidas e veiculadas nos principais jornais nacionais entre 1975 e 1985, a década da mulher, com o objetivo de identificar de que forma as mulheres estavam sendo representadas pelos cartunistas, afim de perceber conceitos e preconceitos sobre o corpo feminino. O evento foi organizado pelo jornal *Mulherio* em colaboração com o cartunista Miguel Paiva, e segundo matéria do periódico foram recolhidos quase quatro mil exemplares que abordavam questões como as mulheres no mercado de trabalho, o prazer sexual feminino, a maternidade e outras relações entre homem e mulher. 10

⁹ LEITURA, *Mulherio*: São Paulo, número 27, 1987.

¹⁰ MULHER: 10 ANOS DE PIADINHAS. *Mulherio*, São Paulo: número 24, 1986.

Figura 02: Mulher, 10 anos de piadinhas



Fonte: Mulherio, São Paulo, p. 2, jan/fev. Ed. 24, 1986.

A tirinha acima publicada pelo Mulherio e faz parte do acervo da mostra Humor/Mulher, nela o personagem Bibelô está acompanhado por uma mulher e aparecem despídos, deitados na cama, provavelmente, descansando após a prática sexual. Na primeira leitura, percebemos que o diálogo foi construído por Angeli¹¹ com o propósito de retratar a mulher como objeto de prazer masculino, pois, em seu último quadro ela é comparada a coisas de uso recreativo, como dominó, bilhar, entre outros. Porém, com uma leitura mais atenta, podemos notar que Bibelô apresenta uma preocupação com a satisfação sexual de sua parceira quando pergunta “O que foi garota? Não gostou?”. Ainda que de forma sutil, o questionamento do personagem transmite a ideia que o sexo deve ser prazeroso tanto para o homem como para a mulher.

O interesse pelo prazer feminino é um reflexo da mentalidade do período, uma vez que com a inserção dos métodos contraceptivos no mercado (PEDRO, 2003), a consolidação da teoria feminista (CORREA, 2016) e a publicação dos estudos de Masters e Johnson (SENA, 2010), a sexualidade das mulheres passa a ser compreendida também pelo aspecto do prazer. Os questionamentos acerca das novas mulheres, ganham espaço entre feministas e pesquisadores.

No Mulherio, as indicações literárias continuam refletindo sobre os dilemas das “novas mulheres” de modo a ajudar os leitores a interpretar as transformações sociais em curso, como por exemplo nas obras Mulher, sexo no feminino, de Mariska Ribeiro, Mulher daqui pra frente, de Marina Colasanti e Mulher, de Yone Giannetti Fonseca, que têm o intuito de apresentar aos leitores as inquietações a respeito dos novos modos de “ser mulher” dentro da sociedade contemporânea, ou seja, desconstruir a ideia de uma mulher universal.

Já em Imprensa feminina e Mulher de papel, ambas de Dulcília Helena S. Buitoni, emergem as discussões a respeito de como a imprensa feminina caminha no sentido de

¹¹ Arnaldo Angeli Filho é um conhecido cartunista brasileiro, nascido em São Paulo no ano de 1956, com publicações na Folha de São Paulo e outros 15 jornais nacionais, autor do livro “FHC: biografia não autorizada”. Possui influências de Millôr Fernandes, Jaguar e Ziraldo. Ver: Enciclopédia Itaú Cultural, disponível em < <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6199/angeli>>. Acesso em 25 de fevereiro de 2022.

desnaturalizar determinados comportamentos entendidos como essencialmente femininos. Passando a estampar provocações mais próximas da ideia que a identidade feminina é resultado das relações de gênero produzidas no interior da lógica sexo/gênero (RUBIN, 1993). A imprensa feminina sofreu modificações de forma proporcional a adesão das brasileiras as teorias feministas, visto que as revistas e os jornais destinados as mulheres, anteriormente possuíam orientações sobre a maternidade e o casamento, como um manual de comportamento, a partir dos anos 1960 passam a noticiar novas possibilidades de experimentar o feminino para além de mãe e esposa (CARDOSO, 2009).

Levar em consideração os “novos femininos” é admitir também uma expressão sexual diferente da heterossexual voltada para satisfação do marido durante o casamento e que objetivava o bom desempenho da maternidade. A sexualidade das mulheres deixa de ser uma “caricatura” das práticas masculinas, e torna-se particular, reconfigurando as ideias de prazer, desejo e gozo entre as mulheres. Nesse sentido, Liane dos Santos, integrante do Coletivo de Mulheres do Rio de Janeiro, escreve uma resenha intitulada “Quem voa mais?” em referência a indicação da obra *Porcos com asas: diário sexo-político de dois adolescentes*, de Marco L. Radice e Lídia Ravera, para a coluna *Leitura*. Ela associa o prazer sexual com o ato de voar, retomando uma ação presente no título do livro. A resenhista questiona quem, entre homens e mulheres, detém o consentimento de sentir prazer, ainda que os dois possuam asas.

A dependência de Antônia começa cedo. Enquanto a Rocco tudo é possível sem complexos, resta a Antônia quase sempre a sensação de culpa e vergonha. Em outras palavras, *Porcos com asas* não foge a filosofia de que ao homem tudo é permitido desde que não chore em público, e à mulher ainda que com asas, não é dado de bons olhos, o direito de voar.¹²

O livro em questão, de gênero lúdico, trata-se de um conjunto de relatos sobre práticas e relações sexuais de duas personagens, sendo elas Rocco e Antônia. Na história, os dois adolescentes possuem experiências sexuais com pessoas de ambos os sexos, e de acordo com o trecho acima o personagem masculino Rocco abusa da liberdade em suas aventuras na busca exclusiva por prazer. Já para Antônia, uma jovem de 14 anos, é notável a existência de uma carga dramática nos processos sexuais que foram expostos pela resenha. No primeiro caso, ela se relaciona com outra mulher e descreve as sensações que segundo as suas percepções se afastam do prazer e são traduzidas como

‘a sensação dominante, que a gente sente que vai chorar, uma mistura de ternura, de medo e de alívio, quando se chora sem estar verdadeiramente triste [...], mas não era amor: era culpa. Masturbar-se a dois, duas iguaizinhas, sem que ninguém entre em ninguém: é uma falta, mais que isso, é um pecado. Falta + pecado = vergonha.’¹³

¹² LEITURA, *Mulherio*, São Paulo: número 5, 1982.

¹³ LEITURA, *Mulherio*, São Paulo: número 5, 1982.

Utilizar a expressão “pecado” pode ser associada a religiosidade e sua influência nas relações sociais, pois, os dogmas católicos só reconhecem a prática sexual entre homem e mulher, casados e com a finalidade reprodutiva. As emoções de Antônia reiteram as percepções da resenhista quando ela afirma que apesar de possuir as “asas”, ou seja, as condições necessárias para o prazer, as mulheres sentem medo de voar. Esse medo também é revelado em relações heterossexuais, onde é mencionado que a personagem Antônia já se envolveu com nove homens, sendo um deles o próprio Rocco. O término das personagens principais é visto pela resenhista como “um dos diálogos mais bonitos do livro”, e ocorre quando Antônia percebe que foi “usada” por Rocco como brinquedo sexual e diz “se fosse possível, você entupiria todos os buracos que a mãe natureza me deu”. O término do romance ocorre quando Antônia exige de seu companheiro ser tratada como sujeito de desejos e vontades, deixando a posição de objeto e propondo uma igualdade sexual entre eles, porém, Rocco, o personagem masculino, opta por encerrar a relação já que possuía desacordo quanto a opinião de Antônia sobre o sexo no relacionamento. A personagem feminina é recusada por reivindicar o prazer dentro de uma relação amorosa, enquanto a representação do homem a deixava na posição de histérica, confusa e problemática. Esse tipo de situação é mostrado pelas páginas do *Mulherio* como traço marcante da sociedade, onde as mulheres assumiam a prática sexual como forma de acessar o gozo e sentir prazer, porém precisavam lidar com o medo/insegurança/descaso dos homens, reflexos da naturalização do comportamento masculino como algo dado e imutável (CONNELL, 2017).

No Brasil, desde a década de 1960 as mulheres vêm experimentando a sua sexualidade para além da procriação, tendo suplantado os discursos religiosos e médicos que regulavam suas práticas sexuais como forma de proteção da família nuclear burguesa e em defesa do patriarcado. Apesar da forte resistência de alguns setores da sociedade, a produção literária a respeito do prazer e do sexo das mulheres se torna popular. Nas páginas do jornal *Mulherio* as três obras a seguir aparecem como forma de orientar e encorajar as leitoras a exercer livremente sua sexualidade. Na coletânea *Condição da mulher, amor, paixão e sexualidade*, de Marta Suplicy, são abordados temas como a masturbação feminina, a violência sexual e as lesbianidades.

Já em *A revolução feminina*, de Márcia Moura, o modo como são narradas as experiências sexuais femininas, sem pudor ou sentimentalismo, desmistificam assuntos polêmicos, como o sexo durante a menstruação e a masturbação, permitindo até uma comparação da obra com uma revista masculina. O internacional *Remaking Love: the feminization of sex*, de Bárbara Ehrenreich, Elizabett Hess e Glória Jacobs, se propõe a analisar episódios veiculados na mídia hegemônica que envolveram mulheres e práticas sadomasoquistas, a contaminação com doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez

indesejada, observando como os meios de comunicação antifeministas trabalham para prejudicar a adesão de mulheres ao movimento de liberação sexual.

Em decorrência da ênfase do gozo feminino, entre outras razões, a sexualidade das mulheres começa a ser movida ao centro das análises na tentativa de desvendar o modo de fabricação do prazer feminino. A busca pela igualdade sexual nas relações de gênero não se refere a autorizar uma “imitação” da sexualidade masculina por parte das mulheres, pelo contrário, a questão é sobre o direito irrestrito de gozar. Nesse sentido vemos emergir o “outro gozo”, a terceira via na literatura, possibilitando a produção do prazer feminino sem necessariamente precisar de um homem ou de suas cartilhas sexuais abarrotadas de experiências masculinas.

No Mulherio encontramos quatro indicações que contribuem para desvendar o gozo emancipado das mulheres. Na coletânea de poesias *O pelicano*, de Adélia Prado, é apresentado aos leitores uma “terceira via” do gozo, produzida pelas experiências femininas durante a prática sexual. Em *Muito prazer*, de Cecília Prada e Cristina de Queiroz, os contos eróticos escritos por mulheres a respeito das suas vidas sexuais e cotidianas são apresentados aos leitores, de modo a expor formas diversas de acessar o prazer. Mas como disse a resenhista do Mulherio, Mariska Ribeiro, “não adianta tentar decalcar o modelo erótico masculino com papel carbono para encontrar os contornos da sexualidade feminina”, ou seja, as narrativas presentes na obra abordam a sexualidade das mulheres para além dos desejos carnis, perpassam por uma experiência sensorial.

Já na coletânea de contos *Casos de sedução*, de Márcia Kupstas, os 15 contos apresentam dentre os principais temas: sexo explícito, sexo com robôs e bonecas sexuais, práticas homossexuais e pornô-gastronômicas. O objetivo da autora é reafirmar que as mulheres também possuem fantasias não convencionais, fugindo de uma abordagem “religiosa” das práticas sexuais. Em *A exceção feminina: os impasses do gozo*, de Gerard Pommier, a expressão “o outro gozo” aparece como um prazer próprio da mulher, recorrendo a mitologia grega, o autor desenvolve a tese que as mulheres estariam dispostas a utilizar até mesmo da submissão como tática de sedução operada contra os homens na busca pelo prazer.

A proposta de análise vista em *As freiras lésbicas: rompendo silêncios*, de Rosemary Curb e Nancy Manhan, sobre uma prática amorosa, sexual ou não, apenas entre mulheres, sem a presença masculina. A coletânea conta com 46 entrevistas, em sua maioria de freiras e ex-freiras nascidas em países europeus, que falam das motivações tanto de entrar, quanto de sair da vida nos conventos. Elegendo a amizade e o amor por outras mulheres como causa motriz de suas escolhas, as entrevistadas apresentam o convento como um modo de vida alternativo à maternidade e ao casamento, que seriam os supostos destinos naturais femininos. A utilização da expressão “lésbica” pelas autoras não possui, necessariamente,

uma conotação sexual ou relação com a prática homossexual entre as freiras, mas se refere ao entendimento de que existe uma priorização emocional e política entre as mulheres, em detrimento dos homens, o que a autora chama de “vivência lésbica”. É levantada a importância do Movimento de Libertação das Mulheres (1960) e das produções que o acompanharam como fatores determinantes para a existência lésbica, que nesse contexto funciona como oposição ao projeto masculino de feminilidade. A vivência lésbica, a qual a obra faz referência, torna-se antes de tudo um ato político.

Devido o distanciamento da maternidade causado pelos novos usos da sexualidade feminina, assistimos um crescimento no número de obras literárias que versam sobre diferentes técnicas de evitar e interromper a gravidez. Para os leitores do *Mulherio*, localizamos seis títulos indicados que estão dentro da temática das práticas contraceptivas e/ou abortivas possíveis para as mulheres. Dentre eles, temos *Métodos anticoncepcionais: o direito à informação*, de Maria José O. Araújo, Nilva F. Pereira, Carmen Barroso e Cecília Simonetti e *Educação sexual: debate aberto*, de Carmen Barroso e Cristina Bruschini, que são cartilhas informativas que explicam quais os métodos contraceptivos disponíveis para as mulheres utilizados na tentativa de evitar gestações indesejadas. Também localizamos obras voltadas para as práticas de saúde e cuidado com o corpo, como em *Saúde, moral, aborto*, de Maria José de Lima e Mãe, filha, mulher, do Grupo Mulher e Saúde do Centro da Mulher Brasileira, onde são indicados somente os lugares disponíveis para adquirir as obras.

A produção de obras que falassem abertamente sobre aborto é datada a partir de 1960, não que isso estabelecesse o início da prática, pelo contrário, as publicações estavam avançando sob uma temática bastante conhecida entre as brasileiras (PEDRO, 2003). No *Mulherio* a temática é abordada tanto na perspectiva de educar os leitores, quanto com a proposta de expor o problema de gênero, principalmente, entre as mulheres das camadas populares. Em *O que é aborto*, de Danda Prado, é produzida uma análise a respeito da prática do aborto no Brasil, da legislação vigente, e dos problemas que levam as mulheres a realizarem a interrupção. Segundo a autora, o debate deve ser conduzido no sentido de garantir políticas públicas de saúde que resguardem o direito ao corpo e à sexualidade feminina. Já na obra *Cícera, um destino de mulher*, de Cícera Fernandes de Oliveira e Danda Prado, através da autobiografia da imigrante nordestina, Cícera Fernandes, chega ao conhecimento dos leitores as dificuldades encontradas pelas moradoras de regiões periféricas do Rio de Janeiro para realização de um aborto pelo Sistema Único de Saúde, ainda que garantido pelo Código Penal desde 1940, já que se tratava de um caso de estupro.

O cotidiano foi reorganizado e as mulheres ganham notoriedade no debate sobre a sexualidade, cada vez mais longe do ideal vitoriano de comportamento feminino. Em contrapartida, observamos as dificuldades dos pesquisadores em produzir sobre as transformações no interior das masculinidades, principalmente, em virtude da resistência às

metamorfoses nas relações de gênero (CONNELL, 2017). A violência aparece como uma resposta da sociedade, especificamente dos homens, as insubordinações femininas, uma vez que quando os discursos são subvertidos só resta a agressividade e a intimidação como última tentativa de controle do corpo das mulheres.

Nesse sentido, a violência contra as mulheres também ocupa espaço dentro das páginas do Mulherio, tanto nas produções acadêmicas como nas indicações literárias aos leitores. Em *Os crimes da paixão*, de Mariza Corrêa, o leitor pode perceber que as regras morais e a legislação brasileira, em muitos casos, corroboram com os atos de violência contra mulher cometidos em nome da honra e da paixão. Se o amor feminino não corresponde às expectativas dos homens dentro das instituições casamento e maternidade, a mulher já estaria sujeita a violência. Já em *Mulheres espancadas: fenômeno invisível*, de Roger Langley e Richard Levy e em *A violência doméstica*, de Rosiska Darcy de Oliveira, Leila Linhares Barsted e Miguel Paiva, são apresentados aos leitores um levantamento sobre as principais causas da violência familiar (ciúmes, traições e términos), e uma cartilha que orienta mulheres vítimas de violência doméstica tanto nos procedimentos referentes à denúncia quanto nas instituições que podem apará-la. No geral, o fato dos casos de violência doméstica serem majoritariamente cometidos contra as mulheres, é quase inevitável a produção de estereótipos femininos na posição de vítimas dentro do imaginário social. Na obra *Morte em família*, de Mariza Corrêa, são analisados processos jurídicos onde mulheres são favorecidas em sentenças por crimes de violência contra seus companheiros, a autora atribui esses benefícios ao uso do rótulo de vítimas como artifício de defesa.

Finalizamos as análises sobre o corpo e a sexualidade com a obra *A história da Aia*, de Margareth Atwood, por se tratar de uma distopia, onde devido aos avanços das políticas contraceptivas, a sociedade apresenta uma gigantesca queda nas taxas de natalidade, gerando uma crise, principalmente, na renovação da força de trabalho. Em certo ponto da história, o Estado e a Igreja se unem para reestabelecer os papéis sexuais, com a finalidade de reconstituir as premissas da sexualidade voltada apenas para a procriação, condenando qualquer outra prática sexual que se afaste desse fim. Através do uso da força, separam as mulheres em castas de acordo com suas funções reprodutivas, para que possam ser fecundadas mesmo que sem seu consentimento. Aos que desobedecem ao “novo sistema” são destinadas técnicas de tortura, espancamentos, castrações e até mesmo o assassinato.

Considerações finais

Diante das transformações ocorridas com a modernização da sociedade, o movimento feminista torna-se irreversível, a política emancipadora das mulheres que contesta a

organização patriarcal da sociedade e desafia os discursos de ordem chegou aos lares brasileiros e se estabeleceu na linguagem, nas músicas, novelas, filmes, livros e revistas.

A análise das obras revela de que modo o debate sobre a sexualidade feminina acontecia dentro da literatura e chegava às brasileiras com pretensões de construir um campo fértil para as novas formas de amor e comportamento. As mulheres aprendiam com os livros que possuíam diversas possibilidades de viver sua sexualidade, enquanto sujeitos complexos e paradoxais, se igualando aos prazeres masculinos, mas não necessariamente produzindo uma caricatura deles.

Referências

- ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulheres, educação e religião: as interfaces do poder numa perspectiva histórica**. Metodista, São Paulo, v.13, n.13, p.52-63, 2007.
- BADINTER, Elisabeth. **XY: sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BRASIL. **Ato Institucional I**, de 09 de abril de 1964. Presidência da República. Brasília, DF: BRASIL, 1964.
- BUTLER, Judith. **Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre a fenomenologia e teoria feminista**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. Cadernos de Leitura. Belo Horizonte, n.78, 2018.
- CARDOSO, Elizangela Barbosa. **Entre o tradicional e o moderno: os femininos na revista Vida Doméstica**. Niterói, v.9, n.2, p.103-134, 2009.
- CARVALHO, Maria do Amparo Alves de. **História e Repressão: fragmentos de uma memória oculta em meio às tensões entre a Igreja Católica e o regime militar em Teresina**. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006.
- CONNELL, Robert W. **Políticas da masculinidade**. Revista Educação e Realidade. Porto Alegre, v.20, n.2, 2017.
- CORRÊA, Mariza. **Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal**. Cadernos Pagu. São Paulo, v. n. 16, p. 13–30, 2016.
- HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos: O Breve Século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LAMARÃO, Sérgio. **A Marcha da Família com Deus pela Liberdade**. CPDOC FGV, 2004. Disponível em:
https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/AConjunturaRadicalizacao/A_marcha_da_familia_com_Deus. Acesso: 10 de abril de 2022.
- NOVAIS, Fernando Antônio; MELLO, João Manuel Cardoso de. **Capitalismo tardio e sociabilidade moderna**. História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- NOVAIS, Fernando Antônio; MELLO, João Manuel Cardoso de. **Capitalismo tardio e sociabilidade moderna**. In: História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

OLIVEIRA, Gustavo. **Políticas públicas do sistema de saúde brasileiro para pacientes portadores do vírus HIV**. Oswaldo Cruz, São Paulo, ano 6, n.22, abril-junho, 2019.

PEDRO, Joana Maria. **A experiência com contraceptivos no Brasil**: uma questão de geração. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.23, n.45, p 239-260, 2003.

PEDRO, Joana Maria. **As representações do corpo feminino nas práticas contraceptivas, abortivas e no infanticídio – século XX**. MATOS, Maria Izilda Santos de.; SOIHET, Rachel (org.). O corpo feminino em debate. São Paulo: UNESP, 2003.

PERROT, Michelle. **Os silêncios do corpo da mulher**. O corpo feminino em debate. São Paulo: UNESP, 2003.

PRESOT, Aline Alves. **As Marchas da família com Deus pela Liberdade e o Golpe de 1964**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos anos dourados**. DEL PRIORE, Mary (org.). História das Mulheres no Brasil. 10. ed., São Paulo: Contexto, 2011.

RAGO, Margareth. **Trabalho feminino e sexualidade**. DEL PRIORE, Mary (org.). História das Mulheres no Brasil. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres**: notas sobre a “economia política” do sexo. Tradução Christine Rufino Dabat, Edileusa Oliveira da Rocha e Sônia Corrêa. Recife: Editora SOS Corpo, 1993.

SENA, Tito. **Os relatórios Masters e Johnson**: gênero e as práticas psicoterapêuticas sexuais a partir da década de 70. Estudos Feministas. Florianópolis, v.18, n.1, 2010.

SOIHET, Rachel. **Violência simbólica**: saberes masculinos e representações femininas. Estudos Feministas, Florianópolis, v.5, n.1, 1997.